

Projeto de Estudos Judaico-Helenísticos - PEJ

Coordenador: Prof. Vicente Dobroruka

Universidade de Brasília
IHD - Dpto. de História
Brasília -DF- 70910-900

www.pej-unb.org

**"A FASE MILENARISTA DE SANTO AGOSTINHO E SUAS
INFLUÊNCIAS SOBRE A TEORIA AGOSTINIANA DAS
IDADES DO MUNDO"**

SBEC - CONGRESSO NACIONAL, 02-06 DE SETEMBRO 2007

"ÓCIO E TRABALHO NO MUNDO ANTIGO"

Fabrício Santos Barbacena

Mestrado em História / UnB

Prof. Vicente Dobroruka



Resumo / abstract

Em *Sobre o Gênesis contra os maniqueus* (GCM - 388-389), Santo Agostinho apresenta, pela primeira vez, sua divisão do processo histórico em sete eras ou idades, que tinham como marcos, da primeira até a sexta idade, Adão, Noé, Abraão, Davi, o cativo da Babilônia e a primeira vinda de Jesus. A partir daqui, a sexta era se prolongaria nos tempos da Igreja, um período de duração indeterminada e que acabaria quando ocorresse a segunda vinda de Cristo, que instauraria a sétima era de descanso eterno. Georges Folliet, em artigo clássico, identificou uma interpretação milenarista nesta sétima era do GCM e em algumas obras subseqüentes. A presente comunicação buscará, então, mostrar que, pela comparação com outros trabalhos claramente pertencentes ao período milenarista de Agostinho, como o *Sermão 259*, as características da sétima idade no GCM apresentam-se com vários pontos de divergência, o que permite classificá-la como uma obra pré-milenarista no pensamento agostiniano.



A fase milenarista de Santo Agostinho e suas influências sobre a teoria agostiniana das idades do mundo

No livro 20 da obra *Sobre a cidade de Deus*¹, Agostinho levanta argumentos para defender as crenças cristãs de que haverá um Juízo, no final dos tempos, bem como uma Ressurreição dos Mortos. Dentre os textos das Escrituras que mais claramente falam sobre esses acontecimentos escatológicos, o livro do Apocalipse tem, indubitavelmente, um papel de destaque para a tradição cristã, em especial em seu capítulo 20. Mas, antes de abordá-lo, Agostinho quer preparar o terreno para uma determinada interpretação e, por isso, ele apresenta uma interessante exegese de Jo 5: 22-29, apoiada por outros textos, para diferenciar e definir dois tipos de mortes e dois tipos de ressurreição. A primeira morte, relativa à alma, não ao corpo, é comum a todos aqueles que ainda não aceitaram a palavra de Deus e, assim, ainda não ressuscitaram na primeira ressurreição, também ela de carácter espiritual, mas continuam mortos no seu estado de pecado. Já a segunda morte seria a condenação eterna daqueles que não quiseram participar da primeira ressurreição, condenação que acontecerá no fim dos tempos, depois da ressurreição geral dos corpos, a qual Agostinho identifica como a segunda ressurreição².

¹ As seguintes traduções da obra de Agostinho foram utilizadas: *A Cidade de Deus (Contra os pagãos)*. Petrópolis / São Paulo: Vozes / Federação Agostiniana Brasileira, 2001; *A instrução dos Catecúmenos - teoria e prática da catequese*. Petrópolis: Vozes, 1984; *Del Génesis contra los maniqueos*. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 1957. Os trechos comentados nesta comunicação foram cotejados com o texto latino de Migne, *Patrologia latina*, e analisados também a partir dessa edição.

² Cf. CD 20.6.



Todo esse interlúdio exegético de como se deve ler expressões como "segunda morte" e "primeira ressurreição" é fundamental para Agostinho nesse momento, pois ele deseja que os leitores da Cidade de Deus compreendam de modo alegórico o texto de Ap 20 e, assim, não caiam numa leitura literal dessa passagem, imaginando que a ressurreição dos mortos será em duas etapas, como - diria Agostinho - o texto parece dar a entender. Afinal, o Apocalipse afirma claramente que os justos ressuscitarão primeiro e gozarão de um reino de mil anos com Cristo aqui mesmo na terra, para só depois desse período os outros homens ressuscitarem e receberem, no Juízo final que então se seguiria, o castigo eterno que mereceram³. A sensibilidade de Agostinho ao risco de que Ap 20 seja interpretado ao pé da letra e que, dessa forma, pregue-se a existência futura de um reino milenar dos santos neste mundo deriva, em grande medida, de sua experiência pessoal, pois também ele, no passado, sucumbiu a expectativas milenaristas, como ele reconheceria, poucas linhas adiante, na Cidade de Deus⁴. Houve um tempo em que também Agostinho advogara que "a separação [entre bons e justos] acontece no fim dos tempos [...], reinando os justos primeiro temporalmente, como está escrito no Apocalipse, [e] depois para sempre naquela cidade que lá é descrita [cf. Ap 21]"⁵. E outros textos,

³ Cf. Ap 20:1-15.

⁴ Cf. CD 20.7.1: "Esta opinião [de que haveria um reino de Cristo milenar no fim dos tempos] seria até certo ponto admissível, se se acreditasse que haveria algumas delícias espirituais para os santos, por meio da presença do Senhor, naquele sábado. Pois também nós fomos dessa opinião por algum tempo. Mas que digam que, quando aqueles que então tiverem ressuscitado, haverão de passar o tempo em banquetes imoderadíssimos, nos quais a comida e a bebida seja tanta que não somente possuirão nenhuma moderação, mas até mesmo superarão [a falta de moderação] dos próprios incrédulos; de nenhum modo essas coisas podem ser acreditadas, senão por pessoas carnis" (Sublinhado nosso - tradução livre).

⁵ *Sobre 83 diversas questões* 57.2.



como os sermões 259 e Mai 94, desenvolvem de maneira bastante detida as idéias dessa sua fase milenarista.

Em um artigo já clássico e ainda muito citado pelos pesquisadores da área de estudos agostinianos, Georges Folliet trabalhou o período milenarista de Agostinho e elencou algumas das principais características do seu pensamento nessa fase⁶. Para tanto, o autor identificou os trechos das obras de Agostinho que, desde os primeiros escritos pós-conversão, falavam ou sobre o simbolismo do número sete ou oito, ou sobre a sétima fase da história mundial e suas características, ou ainda trechos que só abordassem o Reino messiânico terreno, sem nenhuma referência aos números sete ou oito. Na perspectiva de Folliet, entre os anos de 389 a meados de 396-7, quando se percebe inícios de hesitações a respeito do milenarismo, quase todos os trechos das obras de Agostinho que tratam das fases da história mundial, do simbolismo do sábado e do simbolismo do número sete e oito estariam perpassados por uma interpretação milenarista. Esta só acabaria definitivamente cerca do ano 400, como se pode observar nos últimos livros das *Confissões*⁷ e na obra *Sobre as pessoas que devem ser catequizadas*⁸, trechos nos quais o sábado é interpretado de maneira puramente alegórica, representando o descanso eterno dos santos no céu.

Contudo, ao reler as fontes, encontra-se elementos que permitem questionar Folliet na delimitação cronológica por ele proposta para o período milenarista de Agostinho, bem como de quais obras ele teria realmente escrito sob a influência de idéias quiliásticas. Devido à brevidade do

⁶ FOLLIET, Georges. "La typologie du sabbat chez s. Augustin - son interpretation millénarist entre 389 et 400" in: *Revue des Études Augustiniennes* 2, 1956. Pp.371-390.

⁷ Cf., por exemplo, *Confissões* 13.35.50.

⁸ A instrução dos catecúmenos ("De catechizandis rudibus") 17.28.



tempo desta comunicação, toda o argumento se centrará em dois textos fundamentais para o presente tema: a exposição das sete idades do mundo, dada por Agostinho na obra *Sobre o Gênesis contra os maniqueus*, de 388-389⁹, em especial os trechos que falam sobre a sétima idade¹⁰, por um lado; e os sermões 259, por outro, que é, provavelmente, da primeira metade da década de 390 e que pode ser considerado um dos textos mais característicos do período milenarista de Agostinho. Com efeito, onde Folliet notou continuidades, encontra-se variações significativas de determinadas opiniões, principalmente no que tange à teoria agostiniana das idades do mundo e à natureza da sétima era. Começemos, então, a análise pelo mais antigo dentre os textos selecionados.

Em GCM 1.23.41, depois de tratar detidamente sobre as seis eras ou idades em que a história mundial, segundo ele, desenvolve-se, desde Adão até os tempos da Igreja - os tempos atuais, que aos homens não foi dado conhecer o momento em que acabaria¹¹ -, Agostinho discorre sobre a sétima idade da história mundial, que seria semelhante ao sétimo dia da criação. Pois "foi dito que Deus descansou de todas as suas obras [no sábado], as quais ele fez muito boas, porque nele nós descansaremos de todas as nossas obras, se fizermos boas obras"¹², numa sétima era de quietude, depois de passadas as seis idades de trabalhos e fadigas da história humana, cada uma também comparada com o respectivo dia do relato da semana criacional contido no

⁹ GCM 1.23.

¹⁰ GCM 1.23.41.

¹¹ Cf. GCM 1.24 para uma das primeiras formulações de Agostinho sobre essa idéia, que permanecerá como uma constante em seu pensamento sobre a história.

¹² GCM 1.22.34.



Gênesis¹³. As eras, que ele desenvolve de modo mais detido em GCM 1.23, são resumidas, dentre outros lugares, no sermão 259 da seguinte forma: "o tempo que vai de Adão até Noé é como o primeiro dia da totalidade da história [*in toto saeculo*]. O segundo [dia vai] de Noé até Abraão e, como já dividiu o Evangelho de Mateus, o terceiro, de Abraão até Davi; o quarto, de Davi até a migração para a Babilônia; o quinto, da migração até a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. A partir da vinda do Senhor desenvolve-se o sexto; no sexto dia estamos".

Sobre a natureza da sétima era, Agostinho escreve apenas poucas informações no GCM, mas que já oferecem certos elementos que permitem levantar com seriedade a questão de se há, de fato, um pano de fundo milenarista por trás delas. Realmente, em um primeiro momento, algumas frases poderiam vir a sugerir que o descanso do justos ao qual Agostinho aqui se refere seria de tipo milenarista, em um reino terreno dos santos com Cristo, antes do Juízo Final, como o seguinte trecho: "quando o próprio Senhor chegar em sua glória [no início da sétima era], então descansarão com Cristo de todas as suas obras aqueles a quem foi dito: 'Sede perfeitos, como o vosso Pai que está nos céus é [perfeito]' [Mt 5.48]. Pois tais pessoas fazem obras muito boas"¹⁴.

Contudo, há um elemento no texto que impede o entendimento dessas palavras como as de um milenarista *stricto sensu*: para Agostinho no GCM, a sétima era "não tem tarde" ("*vesperam non habet*"¹⁵). No contexto da explicação das sete idades do mundo presente no capítulo 23 do livro 1 da citada obra, dizer que a sétima idade não possui tarde

¹³ Cf. GCM 1.23.35, onde se faz a comparação pormenorizada entre idades e dias da criação do Gênesis.

¹⁴ GCM 1.23.41.

¹⁵ Id. *ibid.*



equivale a afirmar que ela é eterna, que ela não terminará, ao contrário das cinco primeiras, que já passaram, e da sexta, que também chegará a seu final. Pois, com efeito, cada uma das seis primeiras idades incluem uma "manhã" e uma "tarde", ou seja, possuem eventos identificados como o início e o declínio de cada idade, sendo seus limites cronológicos contados de manhã para manhã (Adão, Noé, Abraão, Davi, Cativo da Babilônia, vinda de Cristo e Parusia)¹⁶. Assim, ao não possuir um "ocaso", a sétima era não passaria como as suas predecessoras, e não haveria nenhuma outra fase histórica depois dela.

Por outro lado, o reino terreno milenar dos justos, no fim dos tempos, está longe de ser definitivo, segundo Ap 20. Ali narra-se que, depois de completados os mil anos de duração do reinado dos santos com Cristo, o demônio será solto de sua prisão¹⁷ e seduzirá as nações contra os santos¹⁸, até que fogo do céu as devore¹⁹ e o demônio seja lançado eternamente no lago de fogo e enxofre²⁰. Depois de todos esses fatos, ainda haveria, segundo o autor do Apocalipse, dentre outros eventos escatológicos, o Juízo Final, com a condenação dos réprobos²¹ e a ida dos santos para a Jerusalém celeste, na qual estes gozariam da presença de Deus eternamente²². Por tanto, bem longe de ser definitivo e eterno, o reinado dos justos no fim dos

¹⁶ É nessa mesma perspectiva que deve ser entendida a afirmação que aparece um pouco depois, em GCM 1.25.43: "Depois das como que [quasi] obras muito boas destes seis dias, que o homem espere o descanso eterno e compreenda o que seja 'Descançou Deus, no sétimo dia, de todas as suas obras'; porque também ele próprio opera em nós estas boas [obras], ele que manda que [as] pratiquemos. E diz-se, corretamente, que ele mesmo descansou porque, depois de todas estas obras, ele concederá a nós o descanso" (Sublinhado nosso).

¹⁷ Ap 20:7.

¹⁸ Ap 20:8-9.

¹⁹ Ap 20:9.

²⁰ Ap 20:10.

²¹ Ap 20:11-15.

²² Ap 21.



tempos, segundo o Apocalipse, terá começo e fim, informação que se contradiz com uma importante característica da sétima idade no GCM. Logo, não há como identificar a sétima era do GCM com um reino messiânico escatológico passageiro, bem como o texto não pode ser entendido como milenarista.

Um outro argumento mais geral poderia ser dado para defender que o relato da sétima era em GCM 1.23.41 não está embasado em crenças milenaristas: o simples fato de que o texto de Ap 20 não é citado ali de nenhum modo. Para falar sobre a segunda vinda de Cristo, Agostinho usa um trecho de Lc 18:8 ("Julgas que, quando vier o Filho do Homem, achará fé sobre a terra?"). O outro texto bíblico ali citado é Mt 5:48 ("Sede perfeitos como vosso pai celestial é perfeito") para tratar da perfeição das obras dos santos que descansarão em Deus, quando não faltariam passagens para destacar as virtudes dos justos no livro do Apocalipse, caso ele realmente estivesse presente no pensamento de Agostinho no momento em que escrevia o GCM. Referências importantíssimas do milenarismo que aparecem no texto do Apocalipse encontram-se aqui ausentes, quando poderiam ter sido lembradas em detrimento das passagens evangélicas acima citadas. Assim, a ausência de referências textuais explícitas a Ap 20 e o caráter eterno da sétima idade, que impossibilita falar de que se seguirá a ela uma "oitava" e de identificá-la com um reino messiânico escatológico de duração finita, são fatores que fazem como que o texto do GCM mostre-se distante em demasia das características das obras explicitamente milenaristas, produzidas por Agostinho em meados da década de 390, como o sermão 259, que será analisado em seguida para destacar melhor o que foi afirmado nesse parágrafo.



O sermão 259 é datado por Kunzellmann de cerca de 393²³. Pregado em uma oitava de Páscoa, esse discurso de Agostinho traz um elemento importantíssimo, de todo ausente na discussão da sétima era no GCM: o do simbolismo do número oito, o qual obrigou-o a fazer readaptações da teoria original das sete idades do mundo, de tal modo que ele se tornasse, na verdade, um modelo de oito idades, com a sétima, agora sim, identificada com o reino milenar de Ap 20. A leitura do texto é de todo esclarecedora:

Pois este oitavo dia significa a vida nova no fim dos tempos: o sétimo [dia], o descanso futuro dos santos nesta terra. Com efeito, o Senhor reinará na terra com seus santos, como dizem as Escrituras, e possuirá aqui a sua Igreja, para onde nenhum mal entrará, [ela que estará] separada e purificada de todo contágio da maldade. [...] Ali não será lícito enganar, nem mentir, nem se esconder [como] lobo em pele de cordeiro. Pois o Senhor virá, como está escrito, e iluminará os fatos escondidos pelas trevas e tornará manifestos os pensamentos dos corações: e então haverá, da parte de Deus, louvor para cada um [deles] [1 Co 4: 5]. Portanto, não haverá iníquos ali: com efeito, já estarão separados. Então aparecerá como uma massa purificada, como na eira, a multidão dos santos, e assim será jogada no celeiro a imortalidade celeste. Pois como o trigo primeiro onde é triturado, ali é purificado; e o lugar onde os grãos de trigo recebem a debulhação - de tal modo que fique limpo da palha -, é enfeitado pela excelência da massa purificada. Vemos, desse modo, na eira após a separação, o punhado de palha, de um lado, e o punhado de trigo, do outro. [...] E esse dia será o sétimo dia²⁴.

A descrição milenarista de Agostinho nesse trecho do reino que ele pensa, nesse momento, acontecerá "no sétimo dia" da história é bastante clara e circunstanciada. Logo após a parte citada, Agostinho apresenta, novamente, um resumo das idades do mundo, uma a uma, com suas

²³ Folliet, op.cit., p.374.

²⁴ Sermão 259.2 (Tradução livre).



delimitações, em moldes que são muito similares a outros explanações rápidas das idades, presentes em obras como *Contra Fausto* 12.8, *Sobre as pessoas que devem ser Catequizadas* 17.28; *Comentários aos Salmos* 92.1, *Tratado sobre o Evangelho de João* 9.6 ou o próprio GCM, só para citar alguns exemplos. Mas as semelhanças só vão até a sexta era, pois a caracterização da sétima, no sermão 259, é de todo diferente. Pois a sétima idade, por ser a do reino messiânico temporário na terra, não pode ser mais "sem tarde", no sentido em que o GCM dava para essa expressão, ou seja, a sétima era não é mais definitiva. Com isso, um novo estágio é acrescentado após ela. Eis o trecho:

Com efeito, quando tiver passado este sexto dia, vira um descanso, depois daquela separação, e viverão como em um sábado [sabbatizabunt] os santos e os justos de Deus. Depois do sétimo [dia], contudo, quando tiver aparecido na eira a excelência da messe, o brilho e o mérito dos santos, iremos para aquela vida e para aquele descanso, sobre o qual foi dito que "nenhum olho viu, nem ouvido escutou, nem pensou o coração do homem as coisas que Deus preparou para aqueles que o amam" [1 Co 2:9]. Então se retorna à cabeça. Pois, como quando tiverem se completado estes sete dias, o oitavo torna-se [também] o primeiro; assim, depois de terminadas e completadas as sete idades do mundo que passa, voltaremos para aquela imortalidade e beatitude, da qual o homem caiu"²⁵.

No sermão 259, a sétima era não é mais o "dia sem tarde", como no GCM, aquela era que supera o tempo pela estabilidade de seu estado de descanso em Deus, um descanso que é eterno. Aqui, ela se torna a última parte *saeculi transeuntis*, da história efêmera que um dia chegará ao seu fim. Neste dia, os santos serão separados da massa dos pecadores, como o trigo é separado da palha na eira, e eles

²⁵ Tradução livre.



descansarão no senhor aqui mesmo nessa terra. Mas o descanso será temporário e, depois que este tiver terminado, os justos irão para um "outro descanso", que é descrito com as palavras de 1 Co 2:9: o "oitavo dia", que, por sua vez representa também o primeiro, e possibilitará ao homens voltar à felicidade e beatitude originais, das quais tinha se afastado por causa do pecado.

Portanto, apesar de Agostinho continuar falando de sete eras no sermão 259, o esquema das idades do mundo agostiniano sofreu, na fase milenarista do autor, uma modificação importante: neste sermão (como no sermão Mai 94, outra importante fonte para esse período), a sétima era aparece como ultima parte "da história que passa" [saeculis transeuntis], que será superada por uma nova fase, o "oitavo dia", a era de bem-aventurança no céu na qual o homem recupera, junto a Deus, a beatitude perdida desde o pecado de Adão. Ou seja, aqui tem-se claramente um esquema de "sete eras mais uma", que se afasta da seqüência presente em GCM. Lá, como já foi dito, é a sétima era que desempenha o papel da idade beatífica, supra-histórica dos justos no céu, e não há nada que venha depois dela.

A contraposição entre o esquema de "seis eras mais uma", da obra GCM, com o de "sete idades mais uma", que aparece no sermão 259, permite afirmar que as duas obras pertencem a períodos diferentes do pensamento agostiniano, no que se refere à crença em um reino sabático dos justos com Cristo na terra. Escrita em um momento da sua vida em que Agostinho ainda estava se familiarizando com temas da religião que ele tinha se convertido há poucos anos, o *Genesis contra os maniqueus* apresenta uma descrição da história mundial que não dá lugar a uma idade da história em que haveria um reino milenar dos santos sobre a terra. Esse esquema de "seis idades mais um" seria reformulado



quando ele passasse a defender crenças milenaristas, com a sétima era re-caracterizada para ser o momento em que as promessas bíblicas do milênio seriam cumpridas, e a idéia de "oitavo dia" receberia as características de era eterna de beatitude que eram conferidas, no GCM, à sétima era. Portanto, o GCM deve ser considerado como uma obra pré-milenarista de Agostinho, e o início do período em que ele professa o milenarismo deve ser procurado em um momento posterior à descrição das sete eras nesta última obra citada.